

VII WORKSHOP PRODUÇÃO ESCRITA E PSICANÁLISE

SE ABELARDO PÕE *PIERCING*, HELOÍSA COLOCA ALGO DE SI?

31 de agosto, 1 e 2 de setembro de 2011

CADERNO DE RESUMOS

Realização:



Apoio:



SUMÁRIO

Quarta-Feira, 31 de Agosto

20h30min – Mesa 1: Como nossas Heloíças respondem às cartas de seus Pedros?	2
--	----------

Quinta-Feira, 1 de Setembro

9h – Mesa 2: Quem são os Pedros e as Heloíças de hoje?	4
---	----------

11h – Mesa 3: Que saberes Pedro ensinaria para Heloíça?	6
--	----------

14h30min – Mesa 4: Pedros e Heloíças na Universidade hoje: como estamos formando os novos pesquisadores?	8
---	----------

16h30min – Mesa 5: Como Heloíça responderia se Pedro lhe mandasse torpedos?	11
--	-----------

Sexta-Feira, 2 de Setembro

9h – Mesa 6: Como nossos Pedros se fazem presentes nas cartas de Heloíça?	13
--	-----------

11h – Mesa 7: Como são as cartas que nossas Heloíças escrevem para seus Pedros?	16
--	-----------

14h30min – Mesa 8 : Quais textos são sagrados para nossos Pedros e suas Heloíças?	18
--	-----------

16h30min – Mesa 9: Figuras da sublimação no século XXI	20
---	-----------

Quarta-Feira, 31 de Agosto

18h – Abertura Oficial

19h – Palestra de Abertura

20h30min – Mesa 1: Como nossas Heloíças respondem às cartas de seus Pedros?

“As palavras que se escrevem são frequentemente mais audaciosas do que aquelas ditas pela boca.” (ABELARDO; HELOÍÇA, 2003, p. 63)

O CORPO NA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA E NA PSICANÁLISE

MARIA DE LOURDES FARIA DOS SANTOS PANIAGO

Diz a *Bíblia* que “O homem cujos testículos foram esmagados ou cortado o membro viril não será admitido na assembleia do Senhor” (Deuteronômio, 23,1). Apesar disso, dedicar-se totalmente à vida religiosa foi o caminho escolhido por AberlarDO logo após ter sido vítima da “mais cruel e vergonhosa vingança que pode existir”, porque para ele foi justo o julgamento de Deus que se abateu “sobre a parte do [seu] corpo que o havia ofendido”. Não há dúvidas de que a castração a que foi submetido trouxe muitas consequências para a sua subjetividade. Para discutir a importância da *imagem do corpo* para a subjetividade, este trabalho, apenas um recorte da pesquisa que está sendo desenvolvida em estágio de pós-doutoramento, embasou-se em duas linhas em duas linhas teóricas: a Psicanálise e a Análise do Discurso de linha francesa (ADF). Para a ADF, o corpo e a constituição do sujeito são lugares de produção históricas em que se misturam coerções e resistências. Também para a psicanálise o corpo não se restringe ao biológico, já que o inconsciente e a linguagem são constituintes dos quais não se pode prescindir. Tomando como premissa que “o sujeito é sempre, e ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo, e que isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação” (P. Henry, 1992, p. 188), apresentar-se-ão conexões e fissuras entre a ADF e a Psicanálise Lacaniana.

APROPRIAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS DURANTE O MESTRADO

MARGARETE PAULETTO

Neste trabalho, buscamos refletir sobre a escrita universitária produzida durante o percurso de formação de um pesquisador à época do mestrado. O *corpus* é a dissertação desse pesquisador, que traz como tema o letramento e que foi produzida em um programa de pós-graduação de uma universidade pública brasileira. Seleccionamos para análise alguns excertos do capítulo teórico em que o pesquisador lida com a voz do outro autorizada no discurso acadêmico. Tomamos como ponto principal de reflexão o modo como o pesquisador se apropria das teorias para o embasamento daquilo que defende, ou seja, o modo como a Heloísa lida com a produção sobre letramento dada a ver nos bens culturais. Tomamos as cartas de Pedro como uma metáfora das inúmeras publicações acerca do letramento disponíveis no mercado. O modo como o pesquisador lida com o que já está produzido pode ser de apego e, por isso, a repetição dos “já ditos” ou a resposta às cartas pode acontecer de forma reflexiva, não sendo levada por perspectivas que prometem a solução para o ensino. Se a formação do educador/pesquisador ocorrer de modo a repetir perspectivas e acusações habituais sobre o professor, o *status* de ser mestre pode se tornar mais um apelo de sucesso pessoal e ocupação de um lugar como voz autorizada no discurso pedagógico, do que um momento de produção de conhecimentos que possam auxiliar na prática.

REPETIÇÃO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA PESQUISA DA GRADUAÇÃO

MARCELO ROBERTO DIAS

De todas as figuras da Idade Média, Heloísa é uma das mais presentes no imaginário ocidental, seja por sua história de amor e infortúnio, seja por ter sua formação intelectual, que mesmo em ordens religiosas era algo raro de se alcançar, em um período como a Idade Média. Nas cartas que Heloísa escreve a Pedro transparece sua formação. O esmero de suas cartas surge nos recursos da escrita, no ritmo do texto, na quantidade de citações, como as de Sêneca e Lucano, articuladas em um projeto de sentido. Tendo em vista essa perspectiva de produção de conhecimento e texto escrito nas cartas de Heloísa, nosso esforço para responder à pergunta da mesa será o de investigar como

alunos de graduação utilizam os conteúdos e teorias aceitos e reconhecidos na produção de questões e respostas próprias. Mediante a análise de textos que discutem pesquisa e graduação, nos ateremos às características da transmissão desse saber e da produção do conhecimento presente na escrita do graduando.

Quinta-Feira, 1 de Setembro

9h – Mesa 2: Quem são os Pedros e as Heloíças de hoje?

“Com efeito, que tremenda angústia atormentava o meu coração, dia e noite, vendo a assembleia indisciplinada de irmãos da qual eu havia assumido a governação! Vi-me, deste modo, exposto de corpo e alma a um perigo indiscutível.”
(ABELARDO; HELOÍSA, 2003, p. 121)

A LÍNGUA ENTRE DECLARAÇÕES E ATOS

VALDIR HEITOR BARZOTTO

Partindo do trecho da carta “De Abelardo a um amigo” (p. 48), em que relata seu retorno para o lugar de onde saiu, “a pequena Bretanha”, e das angústias e perigos relatados por Abelardo, empreendemos uma reflexão sobre o descompasso entre as escolhas declaradas e as ações realizadas para sua concretização. O contexto que teremos como referência será o da escolarização em todos os níveis e, dentro dele, o movimento do professor e do aluno, um em direção ao outro, por reconhecerem-se como semelhantes, por pressuporem capacidade de saber um no outro, e de ambos, em direção à conquista do conhecimento. Como pano de fundo teórico nos remeteremos à questão que Foucault (1987) afirma ser própria à descrição dos discursos, de como apareceu um enunciado e não outro, e àquela posta por Lacan (2007) de por que um enunciado foi pronunciado. Acreditamos que, do ponto de vista dos estudos da linguagem e do ensino de língua, é possível trazer uma contribuição que incida sobre esse descompasso, uma vez que, em partes, a desarticulação entre fala e ação por vezes pode ser amainada ou estimulada.

OS PEDROS E AS HELOÍSAS NA UNIVERSIDADE HOJE: PARA ALÉM DO *PIERCING* E DA TATUAGEM

ANNA MARIA GRAMMATICO CARMAGNANI

Este trabalho tem por objetivo contribuir para a reflexão da mesa sobre as mudanças de perfil de professores e alunos na universidade e as consequências para o ensino superior. Parto do pressuposto de que, como Abelardo, os professores sentem-se expostos “de corpo e alma a um perigo indiscutível”, a tomada da palavra e aceitação de sua proposta. Ocorre que, em boa parte dos casos, observa-se que a palavra do professor apenas resvala no corpo das Heloíças presentes, sem deixar sua marca, sem encantá-las, usando *piercing* ou não, isto é, o discurso do professor, independentemente de sua formação, parece não ecoar no aluno, produzindo um não sentido. Tomo como base para a análise duas tarefas solicitadas a alunos de um curso de Letras, a proposta feita pelo professor e os trabalhos realizados pelos alunos, bem como a avaliação informal dessas atividades pelos alunos e pelo professor. Do ponto de vista dos discursos produzidos, pretendo identificar os vazios, os silêncios, as interpretações realizadas. Do ponto de vista psicanalítico, busco indícios de produção do “sinthoma”, uma situação desejável na universidade. Nosso sofrimento como professores, assim como o de Abelardo, é o de nunca ter certeza se aquilo que propomos sensibilizará esse aluno; e isso nenhuma metodologia resolverá. Os alunos, em grande parte, parecem indicar que desejam se apropriar do conhecimento de modos mais utilitários, mais rápidos, evitando a angústia de uma produção singular. Várias respostas poderiam ser dadas a essa situação; no entanto, parece-nos primordial defender que a instituição escolar e o professor não podem abrir mão de sua responsabilidade geracional, enfrentando os perigos do lugar que ocupam e implicando seus alunos na construção do conhecimento.

PEDRO, HELOÍSA E O CAPITALISMO: RELAÇÕES QUE SE DESMANCHAM NO AR

DIEGO NAVARRO

Neste trabalho faremos a análise de um parecer científico, emitido por uma agência de fomento à pesquisa nacional, que denega o pedido de bolsa à proposta avaliada. Nossa hipótese de trabalho é de que os pareceres científicos são enunciados provenientes de um Aparelho Ideológico de Estado (ALTHUSSER, 1983) e, portanto, agem no sentido de

interpelar indivíduos em sujeitos da ciência ou não. Nesse sentido, buscamos averiguar como se estrutura a relação entre aquele que escreve uma proposta de trabalho para ser avaliada e a instância que realiza essa avaliação. Os dados que compõem nosso *corpus* abrangem um aspecto daquilo denominado pelo órgão de fomento como “proposta”, a saber, o quesito referente à apreciação do projeto de pesquisa. Para empreendermos nossa análise nos valem de contribuições teóricas provindas da Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1988; ORLANDI, 1988), da teoria das modalizações linguísticas (POTTIER, 1987) e da Psicanálise Lacaniana (LACAN, 1975-1976). Por meio desta análise, procuramos responder à pergunta da mesa demonstrando que, para alçarmos os lugares de Pedros e Heloíças, como pessoas capazes de enfrentar os “perigos indiscutíveis” inerentes à academia na contemporaneidade, precisamos construir um novo tipo de engajamento para lidarmos com as instâncias reguladoras desse campo.

11h – Mesa 3: Que saberes Pedro ensinaria para Heloísa?

“E diziam que, escapando à inteligência, os discursos eram supérfluos, pois somente era possível acreditar em algo após havê-lo comprovado e compreendido.” (ABELARDO; HELOÍSA, 2003, p. 89)

OS SABERES ESTUDADOS E ENSINADOS PELO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

DANIELA EUFRÁSIO

Neste trabalho*, propomos discutir os conteúdos que eram considerados legítimos de serem ensinados em aulas de Língua Portuguesa até a década de 70 e desta época aos dias atuais. Para a efetivação desta análise, foi feita uma consulta à bibliografia específica e também uma avaliação de documentos curriculares que estabelecem os conteúdos a serem trabalhados na formação de professores de Língua Portuguesa. A discussão sobre o ensino de determinados conteúdos, legitimados pelo tempo, e sobre o tratamento que lhes é dado no decorrer da história não é algo novo. Esse tema está presente em *As Cartas de Abelardo e Heloísa*, obra que, além de abordar a conturbada relação conjugal entre Abelardo e Heloísa, também apresenta as turbulências da trajetória intelectual desse filósofo do século XII. Os fatos apresentados quanto ao ensino defendido e

praticado por Abelardo denotam as dificuldades enfrentadas por esse intelectual ao propor formas de estudo em que todas as questões deveriam ser avaliadas, mesmo aquelas que eram consideradas como sendo os pilares do conhecimento até então defendido. A leitura da obra em questão deu-nos o mote para pensarmos, em relação à formação do professor de Língua Portuguesa, quais são os conteúdos que atualmente se mostram hegemônicos, ou seja, que aparecem como sendo preponderantes em bibliografia e documentos específicos. A partir disso, questionamos que consequências podem ser delineadas para a formação e atuação desse profissional que, num dado período, integra uma cultura escolar e universitária que determina o ensino de alguns conteúdos como sendo imprescindíveis às aulas de Língua Portuguesa.

*Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio para o desenvolvimento desta pesquisa.

AS REAÇÕES DOS ALUNOS ÀS SOLICITAÇÕES PARA ESCREVER E SEU IMPACTO EM SALA DE AULA

THAÍS CAROLINA DA SILVA

Abelardo inseriu progressivamente a sua singularidade ao longo dos anos em que lecionou para os seus alunos. Considerando o que descreve em suas cartas, suas marcas pessoais geraram as mais diversas reações das instituições vigentes, uma vez que ele rompia com muito do que era ensinado. Tomando por base esse tipo de relação com o que é ensinado, pergunto: como o professor de hoje, que tem diante de si propostas de escrita nos livros didáticos e nos planos pedagógicos, pode inserir na sala de aula a sua singularidade, tendo em vista promover uma maior participação dos alunos? Neste trabalho, reflito sobre como a resposta dos alunos às atividades de produção escrita em sala de aula pode ajudar o professor a repensar suas propostas e a inserir mais de si mesmo em suas práticas didáticas. Analiso, com base no acompanhamento das aulas de Língua Portuguesa em uma sexta série do Ensino Fundamental, a produção dos alunos em resposta às atividades de escrita propostas. Essa análise tem como propósito apontar quais delas despertam mais interesse e a participação dos alunos e entender, no contexto analisado, quais são as atividades mais eficazes no processo de ensino-aprendizagem – aquelas propostas no livro didático ou as complementares, apresentadas pelo professor.

O TOQUE DA LINGUAGEM: A ARGUMENTAÇÃO NA ESCRITA INFANTIL

RENATA COSTA

No presente trabalho, tomamos como objeto de estudo a argumentação na escrita infantil. Temos por objetivo analisar, em textos escritos por três informantes que cursam o quinto ano do Ensino Fundamental em uma escola pública na periferia da cidade de São Paulo, a maneira como os encadeamentos argumentativos (DUCROT, 2001) produzidos em seus manuscritos criam um efeito persuasivo em seus enunciados. Assim, a partir da obra *As cartas de Abelardo e Heloísa* fazendo uma analogia à personagem Heloísa, que escreve cartas visando a consolar e, ao mesmo tempo, comover Pedro objetivamos analisar os modos como nossos informantes realizam encadeamentos argumentos com a pretensão de “tocar” seu interlocutor. Para tanto, serão examinados três manuscritos produzidos entre os anos de 2010 e 2011. Os textos vêm sendo produzidos em contexto escolar, como parte das atividades de rotina da turma, sendo que nas tarefas solicitadas está implícita a tarefa de argumentar. Nossa hipótese é a de que é possível adiantar o trabalho com a argumentação durante os anos iniciais da escolarização, uma vez que os elementos da estrutura argumentativa, bem como os efeitos por eles produzidos, já estão presentes na escrita infantil.

14h30min – Mesa 4: Pedros e Heloísas na Universidade hoje: como estamos formando os novos pesquisadores?

“Entre todos os ensinamentos da filosofia eu preferia brandir as armas do discurso da lógica; troquei por estas as da guerra e deixei as vitórias nas batalhas para continuar com os assaltos das discussões.” (ABELARDO; HELOÍSA, 2003, p. 49)

PESQUISADOR EM FORMAÇÃO: MOVIMENTOS EM DIREÇÃO AO SABER

LISIANE FACHINETTO

O presente trabalho trata dos efeitos das intervenções feitas pelo orientador no processo de escrita de um pesquisador em formação. Para tanto, tomo como pressuposto que o laço que se estabelece entre o orientador e o orientando promove movimentos de deslocamento na posição daquele que escreve. A transferência, tal qual entendida pela

Psicanálise Lacaniana, é um laço que sempre existiu, independente do tempo e do espaço. A hipótese deste trabalho é a de que, apesar das mudanças ocorridas desde os tempos de Abelardo e Heloísa, existem fenômenos atemporais no que diz respeito à transferência, os quais fazem efeitos na produção do conhecimento. Partimos do pressuposto de que, pelo estabelecimento de um laço transferencial entre o mestre e o discípulo, é possível modificar a posição discursiva daquele que busca o saber. Para fundamentá-lo, recorro aos quatro discursos da teoria lacaniana (1992 [1969-1970]), mais especificamente, ao discurso do mestre e ao discurso da universidade. Para tal fim, tomo para análise as versões produzidas por uma aluna em sua dissertação de mestrado na área de Educação.

A PRESENÇA NÃO MARCADA DO ORIENTADOR E O MANEJO DA TRANSFERÊNCIA NO TEXTO DE SEU ALUNO

SUELEN GREGATTI DA IGREJA

Muito intensa, a relação de Abelardo com seu mestre aparece vivamente em suas correspondências. O trabalho parte da seguinte interrogação: como essa relação pode ter influenciado sua formação? Assim, tomando como *corpus* versões de textos produzidas por uma aluna de mestrado entre 2006 e 2008, interrogamos: em que medida os efeitos da relação com o mestre se presentificam unicamente nos lugares onde são marcados? Por meio do cotejamento das versões, visamos a dar a ver as manobras discursivas realizadas ao escrever e as mudanças de posição frente ao saber necessárias para constituir uma pesquisa. Mais especificamente, analisaremos a incidência da presença do orientador, enquanto aquele que vai auxiliar o aluno a tracejar seu percurso. Ao retomar as versões escritas por um aluno em seu percurso de escrita, considerando os apontamentos feitos pelo orientador, e as posteriores mudanças feitas pelo aluno em seu texto, podemos reconstituir o modo como o orientador maneja a lida com a angústia de seu aluno, de maneira a auxiliá-lo a se constituir enquanto pesquisador. Concluímos que, nesse processo, as referências à filiação ao orientador podem aparecer tanto marcadas no texto de seu aluno, por meio de citações e paráfrases, como podem estar presentes de maneira não marcada (AUTHIER-REVUZ, 1990, 1995, 2004), por meio de reformulações feitas ao longo das reescritas do trabalho.

ENSINO E FILIAÇÃO: A FORMAÇÃO DO PESQUISADOR NA UNIVERSIDADE

EMARI ANDRADE

Neste trabalho, tomo como objeto de estudo as práticas de orientação na universidade que contribuem para a formação de novos pesquisadores. Parto do pressuposto de que, atualmente, aquele que ingressa na pós-graduação precisa aprender a escrever nos moldes vigentes na comunidade onde ele solicita ingresso. Trata-se de aprender a servir-se do conhecimento universal para inventar sua singularidade e encontrar meios de colocá-la em circulação por meio da escrita de um trabalho. No tempo em que Pedro foi formado, a tônica da relação entre mestre e discípulo era ora a da repetição quase irrefletida, ora a da ruptura total com o mestre. Pensando na universidade de hoje, defenderei que é preciso encontrar outro caminho para conduzir essa relação: a filiação simbólica. Para tal fim, analisarei as intervenções realizadas por um mesmo orientador nos textos de suas alunas, ao longo do percurso de orientação, visando a inseri-las numa comunidade científica. O *corpus* estudado são os manuscritos que compuseram a escrita da dissertação de quatro jovens que fizeram mestrado na área de Linguagem e Educação. Defendo que o orientador, ao formar o pesquisador, tem uma função que se assemelha à do analista, nas palavras de Lacan (1976, p.71), que “ensina o analisante a emendar, a fazer a emenda entre seu sinthoma e o real parasita do gozo”, de modo a buscar meios para que o aluno altere sua posição frente à produção do conhecimento.

16h30min – Mesa 5: Como Heloísa responderia se Pedro lhe mandasse torpedos?

“Corporalmente, encontrava-me escondido naquele lugar. Mas, a minha fama corria mundo e a minha palavra ressoava por todo o lado, à semelhança daquela personagem poética a que chamam Eco que possuiu uma forte voz, mas fraca substância.” (ABELARDO; HELOÍSA, 2003, p. 117)

AQUISIÇÃO DA ESCRITA ALFABÉTICA: OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS?

MARISA ASSUNÇÃO TEIXEIRA

A proposta da mesa é a de debater como os alunos respondem àqueles professores que se utilizam das novas tecnologias ou se sustentam nas novas correntes de ensino, atendendo ao imperativo das atuais éticas educacionais. Os objetivos específicos da apresentação são dar a ver os efeitos de movimento e de paralisação que uma criança faz na direção da apropriação do sistema alfabético e analisar a relação entre tais efeitos e o método que o adulto mobiliza para ensinar a escrever. As produções gráficas da aluna, do primeiro ano do ciclo I do Ensino Fundamental de oito anos, foram coletadas pela psicóloga educacional, em momento de observação em sala de aula, em resposta à queixa escolar encaminhada à equipe de orientação técnica, mencionando que a aluna apresentava quadro de mutismo seletivo e não escrevia sequer o seu nome. A interação com a criança para levantar seus conhecimentos sobre a escrita resultou em movimentos de produção gráfica e de comentário verbal. A fundamentação teórica baseia-se na Psicanálise Lacaniana, buscando interrogar sobre a influência da subjetividade na aquisição da escrita. Quanto à pergunta da mesa, relaciono a resposta de mutismo da aluna às imposições do método utilizado pela professora para ensinar a escrever, que fez com que a docente tivesse expectativas para além do que podia ser tolerado e oferecido pela menina. O meio não convencional com que a pesquisadora interagiu com a criança, como se fosse uma brincadeira de faz de conta utilizando letras e rabiscos, equivaleria a um torpedo – mensagem de texto no celular – algo que garante o vínculo sem ser invasivo. Esse jeito propiciou que a aluna fizesse deslocamentos em torno da grafia, com a distinção entre escrita e desenho, e possibilitou-lhe verbalizar comentários.

PRESENÇA VIRTUAL OU AUSÊNCIA CAMUFLADA?

KELLY OLIVEIRA

Como responderia o aluno, aqui metaforizado por Heloísa, diante do professor inovador, um Pedro com posse de tecnologias? Mais especificamente, interessa-me saber se a relação do aluno com as propostas didáticas se altera com o uso de inovações tecnológicas por parte do professor em suas aulas. Para isso, nesta reflexão, analiso a interação, produção de dados e atividades em dois contextos: a) nas aulas de Língua Portuguesa e Biologia, de um segundo ano do Ensino Médio; b) em um curso de escrita com vistas a preparar alunos de uma instituição de Ensino Superior para a redação do Exame Nacional de Avaliação do Desenvolvimento Estudantil. No primeiro caso, analiso aulas em que a tecnologia não é empregada como mediadora das atividades. No segundo, reflito se o uso de elementos tecnológicos (a escrita em editores de texto, *e-mails*, projetor, etc.) para a produção e circulação de textos entre os colegas no período de aula possibilitou maior empenho na execução das atividades. Tem-se a hipótese de que a inovação e os suportes não foram preponderantes para a alteração do engajamento dos alunos na realização das tarefas propostas. Por mais que o suporte digital ofereça recursos como revisão e compartilhamento, a implicação para o trabalho está muito mais no âmbito da relação estabelecida com os professores ou colegas do que em elementos tecnológicos. Quando empregados, estes possibilitaram mudanças de estratégias na apresentação de conceitos, mas não modificaram substancialmente o trabalho no caso de produção e revisão textuais.

IMAGEM DO PROFESSOR INOVADOR NA MÍDIA E A RELAÇÃO COM A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

KÁTIA ZANVETTOR

A inovação parece ser uma palavra de ordem na cobertura jornalística sobre a educação e um elemento de referência para criar parâmetros para a prática do professor em sala de aula. É preciso saber enviar um SMS para controlar a presença do seu aluno (Folha, 6 de fevereiro de 2009), estar preparado para diagnosticar doenças como a esquizofrenia (Folha, 2 de junho de 2009) e até, quem sabe, se tornar um “professor mochileiro” (Folha, 4 de janeiro de 2010). Por outro lado, a inovação pode ser a responsável por grande parte dos problemas e o professor que busca uma singularidade para o seu trabalho também

pode sofrer sanções por ousar se diferenciar (Folha, 18 de fevereiro de 2009). Neste trabalho, a partir da análise de dezesseis textos publicados na *Folha de São Paulo* sobre o professor, pretendemos extrair elementos que nos permitam inferir sobre o papel do jornalismo na produção do conhecimento em sala de aula, especialmente aquele mediado pelo professor. Supomos que esses “Pedros” projetados no jornal, professores que para produzirem conhecimento precisam responder a toda ordem de demanda que surge de nossa sociedade, são da ordem do imaginário e acabam interferindo significativamente na imagem que o próprio professor faz de si e de sua profissão. Com base nos estudos do *Seminário 23*, de Jacques Lacan, especialmente sobre como o autor trabalha os conceitos de real, simbólico e imaginário, pretendemos analisar tais discursos numa perspectiva de desconstrução do conceito de “inovação”.

Sexta-Feira, 2 de Setembro

9h – Mesa 6: Como nossos Pedros se fazem presentes nas cartas de Heloísa?

“E mesmo que, por vezes, estivéssemos separados continuaríamos a estar presentes um ao outro através de cartas.” (ABELARDO; HELOÍSA, 2003, p. 63)

MANUAIS DE ORIENTAÇÃO DOCENTE: CONTINUIDADES E RUPTURAS

ANDRESSA CRISTINA COUTINHO BARBOZA

O objetivo deste trabalho é problematizar a veiculação e o uso de materiais de orientação docente. Neste estudo, compreendemos as cartas de Pedro Abelardo como metáfora dos impressos pedagógicos que buscam orientar as ações de Heloísa, personagem que representa o professor em sala de aula. Lançamos o seguinte questionamento: o professor necessita de mecanismos que regulem sua prática pedagógica? Assim como Heloísa não aceita tranquilamente os argumentos inscritos nas cartas de Pedro, acreditamos que há professores que não reproduzem, passivamente, as prescrições contidas em manuais que objetivam normatizar o fazer docente. A partir dessa hipótese, outras interrogações foram formuladas: quais são as saídas para que o professor assuma as escolhas de seu ofício? Quais são os riscos dessa virada? Como esse desejo é expresso na atuação do professor? Realizamos entrevistas com sete professoras de

Língua Portuguesa no intuito de averiguar como cada informante faz uso dos manuais de orientação curricular em sua prática pedagógica. Essas entrevistas foram analisadas tendo em vista as considerações postuladas por Jacques Lacan (1975-76) a respeito da escrita do ego, que pode ser depreendida pela precipitação do significante no enunciado. Espera-se, com esta discussão, obter elementos para a reflexão de uma nova ética na educação.

USOS DO SISTEMA LINGUÍSTICO E DO LEGADO CULTURAL NA ESCRITA UNIVERSITÁRIA

ENIO SUGIYAMA JUNIOR

A escrita, em especial na universidade, não é a transferência da ideia daquele escreve sobre o papel. Trata-se de uma construção feita a partir do material linguístico e do legado cultural: o primeiro fornece as formas de expressão capazes de provocar o efeito de sentido desejado e o segundo funciona como parâmetro para a elaboração de conhecimento, permitindo que o resultado desse processo possa se alojar dentro da cultura. Ao manipular essas duas ferramentas, aquele que escreve pode realizar o trabalho de transformar sua implicação subjetiva em um produto inserido dentro da cultura ou pode optar por oferecer um semblante (LACAN, 1971), poupando-se do trabalho de elaboração. Este trabalho investiga textos produzidos por alunos ingressantes do Ensino Superior e dissertações de mestrado em que é possível observar formas de apropriação do sistema linguístico e do legado cultural que fogem à lógica de funcionamento dos mesmos. As análises apontam que tanto o sistema linguístico como o legado cultural podem ser apropriados na qualidade de semblantes: no primeiro caso não se chega a construir um texto que obedeça às relações lógicas do material linguístico e no segundo não é possível observar relações de filiação com os autores citados. Trata-se, agora, de pensar qual relação pode ser estabelecida entre as formas de manipulação desses dois elementos e a produção/circulação de conhecimento.

UMA BOLINHA, UM RISQUINHO, UMA LETRINHA: A ESCRITA DO NOME PRÓPRIO PELA CRIANÇA PEQUENA

CLAUDIA MARIA B. DE ALENCAR

O presente trabalho é um recorte da pesquisa que realizei no curso de mestrado, que tem como foco os modos de construção dos passos iniciais do processo de simbolização por parte de crianças com idade aproximada de três anos. À época da coleta de dados, os informantes frequentavam uma escola pública de Educação Infantil no interior do Estado de São Paulo. Eles foram gravados em vídeo durante o ano de 2009 durante a realização de uma mesma atividade de escrita do nome próprio. O *corpus* final é composto pelas reproduções gráficas da escrita e as devidas transcrições do que foi falado pela professora e pela criança. Parto do pressuposto de que, ao interpretar o que escreveu, a criança revela o percurso que atravessa para a compreensão da escrita alfabética. Desse modo, estar atendo para a relação entre o que a criança escreve e fala, no ato da escrita, pode levar ao entendimento do processo pessoal de construção simbólica. Neste trabalho, realizei uma analogia entre a investigação e o livro *As Cartas de Abelardo e Heloísa: correspondance*. Por meio de fragmentos do *corpus*, apresento as repostas criativas dadas por Heloísa às demandas de Pedro Abelardo e o modo como ele se faz presente na produção por meio das intervenções que realiza. O campo teórico que embasa a pesquisa é a Psicanálise de orientação lacaniana, em especial a concepção de sujeito como efeito da linguagem.

11h – Mesa 7: Como são as cartas que nossas Heloíças escrevem para seus Pedros?

“De imediato me lancei na sua leitura com todo o ardor, como se abraçasse com ternura aquele que a havia escrito, uma vez que, perdida a sua presença corporal, pelo menos as palavras recriariam, em mim, a sua imagem.” (ABELARDO; HELOÍSA, 2003, p. 145)

O PATRIOTA (1813-1814) À SCIELO BRASIL (1997): UM ESBOÇO DO PERCURSO DA ESCRITA CIENTÍFICA NO BRASIL

RODRIGO MOURA LIMA DE ARAGÃO

Com o intuito de compor um esboço do percurso da escrita científica no Brasil, este trabalho coloca lado a lado dois retratos dos modos de organização dos textos científicos publicados em periódicos brasileiros. O primeiro deriva da observação de uma amostra de textos de *O Patriota* (1813-1814), apontado como o primeiro periódico brasileiro a publicar material de cunho científico (FREITAS, 2005; KURY, 2007). O segundo retrato provém da análise de instruções aos autores e de artigos científicos de revistas da SciELO Brasil (parte de projeto de mestrado em desenvolvimento com o apoio da FAPESP). Em *O Patriota*, tem-se grande variedade nos modos de organização dos textos científicos divulgados, não havendo indícios de padrões de estruturação. Por outro lado, tem-se, no material da SciELO Brasil, o predomínio do modelo Introdução-Métodos-Resultados-Discussão para a composição de artigos científicos, além da extensão desse padrão a outros tipos de produção, como revisões de literatura e estudos de caso. O percurso da escrita científica brasileira nos quase 200 anos que separam *O Patriota* das instruções aos autores e artigos da SciELO Brasil parece, portanto, ter como ponto de partida o texto livre e como destino o texto regido por um modelo. Diante disso, coloca-se neste trabalho ainda a seguinte questão: ao passo que a desventura de Abelardo parece produto de sua indefinição (repulsão, atração e a mistura destas) com relação aos modelos de conduta, a indefinição de um autor quanto aos modelos de escrita pode igualmente levar ao infortúnio?

O DISCURSO NAS CARTAS DE HELOÍSA E ABELARDO: O PESQUISADOR E A RELAÇÃO ENTRE O DISCURSO CIENTÍFICO E A COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA

MILAN PUH

Neste trabalho, visamos a examinar a escrita do pesquisador no processo de inscrição numa determinada teoria. Como *corpus*, utilizamos duas dissertações de um programa de mestrado que se inserem na chamada Análise do Discurso. Buscamos entender de que modo o pesquisador procura se inscrever numa determinada teoria ou área de conhecimento, analisando os resumos, introduções e resenhas teóricas para ter melhor conhecimento do processo de inscrição feita por meio de marcadores linguísticos. Assim, queremos verificar se sustenta-se a hipótese de que o pesquisador como sujeito renuncia a sua identidade pessoal, no primeiro momento, desmanchando-se na escrita, para poder se integrar no círculo acadêmico de sua escolha. Considerando o tema da mesa e do evento, perguntamo-nos de que modo as Heloíças (futuros pesquisadores) se identificam com as ideias dos Abelardos (teorias presentes na comunidade); se elas, de fato, se abnegam para conseguir a aceitação dos Abelardos, seus mestres. Para entender a maneira como o pesquisador como sujeito renuncia ou não sua condição de detentor do saber, para depois procurar a completude em outro lugar, consultaremos as considerações teóricas de Freud e Lacan sobre o sintoma. Procuraremos também as contribuições sobre as marcas de subjetividade em Benveniste, aliadas à análise dos modalizadores, proposta por Fairclough.

APROPRIAÇÃO DE CONCEITOS DA TEORIA SOCIOLINGÜÍSTICA NA ESCRITA ACADÊMICA A PARTIR DA DÉCADA DE 1970

SULEMI FABIANO

Neste trabalho, analisamos como um sujeito em formação se apropria de uma teoria para se inserir em uma área do conhecimento. Temos como objetivo identificar como os conceitos inerentes à área da Sociolinguística são utilizados por diferentes pesquisadores e como eles aparecem na escrita dos trabalhos analisados. O *corpus* é composto por teses e dissertação defendidas na área de Sociolinguística a partir de 1970. As pesquisas das décadas de 1970 a 1990 foram selecionadas na biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. A outra parte do *corpus*, a partir de 2000, foi extraída

do Portal Domínio Público – CAPES. Leituras preliminares apontam que os trabalhos da década de 1970, apesar de terem o foco no uso do Português Brasileiro (PB), centram-se mais em questões gramaticais do que nas mudanças do PB. Nossa hipótese é a de que ainda hoje haja uma dificuldade de se aplicar a teoria da Sociolinguística e isso tenha favorecido a permanência de um ensino da língua portuguesa centrado nas normas gramaticais. Tal fato permite estabelecer uma analogia com o livro *As Cartas de Abelardo e Heloísa: correspondance*, comparando a dependência que Heloísa desenvolveu ao longo de sua vida com Pedro Abelardo como um eterno “mestre” em a relação à repetição dos mesmos conceitos nas produções acadêmicas durante décadas.

14h30min – Mesa 8: Quais textos são sagrados para nossos Pedros e suas Heloísas?

“É certo que as lições dos livros sagrados são as mais salutares, uma vez que nos esclarecem sobre a salvação da nossa alma. No entanto, espanta-me que pessoas instruídas necessitem acrescentar um comentário ao texto e à glosa para, desta forma, melhor as compreenderem.” (ABELARDO; HELOÍSA, 2003, p. 57)

DO ENSINO DE GÊNEROS À FORMAÇÃO DO PROFESSOR GENÉRICO: PROBLEMAS SOBRE A DESPROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE

THOMAS MASSAO FAIRCHILD

Nesta apresentação, contesto a complementaridade das afirmações de que “o gênero é objeto de ensino” e de que “o texto é unidade de trabalho”, remetendo-as aos conceitos de gênero, enunciado e estilo de Bakhtin. Aponto quatro problemas na produção acadêmica sobre ensino decorrentes do apagamento de outros conceitos menos “glosados” que o de gênero: 1) prejuízo à qualidade dos textos selecionados em prol de textos exemplares de um gênero; 2) ausência de reflexões críticas sobre a escolha dos gêneros estudados; 3) diminuição da variedade de gêneros em favor do estudo prolongado de alguns; 4) diminuição do espaço reservado ao ensino de aspectos do texto que não remetem ao seu gênero. O rebatimento dessas tendências na escola parece resultar na modificação da relação do professor com seus “textos sagrados”, uma vez

que, por um lado, o ato de citar Bakhtin leva à reedição de aspectos criticados no ensino tradicional, como o normativismo e o trabalho com fragmentos linguísticos isolados, e, por outro, esvazia a formação de professores dos conteúdos disciplinares (Gramática, Retórica, Literatura, Linguística) que outrora davam sustento à sua função, substituindo-os por formas de abordagem do dado linguístico mais próximas às do falante comum. Essa nova relação com o conhecimento pode ter como consequência a invenção do professor genérico, desligado do saber que designaria sua profissão e condenado a tentar capturar sua origem, a cada vez, no semblante de um nome sagrado.

OS FINS DE FATO JUSTIFICAM OS MEIOS? O IMPACTO DOS PCNs NA PRODUÇÃO ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

ADRIANA SANTOS BATISTA

Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, alteraram-se as práticas relacionadas à alfabetização e ao ensino de língua portuguesa; o trabalho que tomava como centro a palavra e o aprendizado por meio da repetição sistemática deu lugar à perspectiva pautada nos textos, influenciada por trabalhos que costumam se remeter à concepção de gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003). Considerando esse cenário, neste trabalho tem-se o objetivo de, a partir de textos de alunos de um sexto ano, analisar como a alteração nas práticas de ensino pode ter influenciado a escrita. O *corpus* selecionado corresponde a duas redações elaboradas em abril de 2011 por alunos de uma escola municipal de São Paulo no contexto de uma avaliação oficial. Para a abordagem das mudanças ocorridas nas perspectivas de ensino, propõe-se uma analogia à trajetória de Pedro Abelardo, cujos estudos, inicialmente centrados em textos filosóficos, passaram a ter como foco as leituras religiosas, sem, contudo, o desprezo dos conhecimentos obtidos inicialmente. No caso do ensino de escrita, pretende-se discutir se, quando uma determinada tendência teórica ascende no contexto educacional, há espaço para a observação de seus resultados e incorporação de outras formas de trabalho, ou prevalece o fascínio causado principalmente pelo fato de ser nova.

ENSINAR: ENTRE A EXPLICAÇÕES E DÚVIDAS

SÔNIA ALMEIDA

O objetivo da apresentação é perguntar se a substituição da explicação do orientador pelo silêncio da orientação, em dados momentos do processo, pode ser um lugar do ensino que oriente para uma escrita singular. O *corpus* são dois episódios de pesquisa construídos a partir de duas situações de orientação opostas: a primeira é marcada pelo silêncio; a segunda, pela explicação. No primeiro caso o orientador conduziu a escrita, abrindo pelo silêncio longos períodos de “acrescentar a [uma] dúvida umas quantas outras” (ABELARDO, p. 57), até serem respondidas ou inventadas pelo orientando. No segundo, outro orientador abriu mão da orientação por não ter lido textos sobre o objeto de pesquisa, o que o impediria de explicar ao orientando o que deveria escrever. Neste último caso, não me espanta “que pessoas instruídas necessitem acrescentar um comentário ao texto e à glosa para, desta forma, melhor as compreenderem” (ibid., p. 57), porque, afinal, são doutores, apesar de confundirem saber com sabedoria. Os campos teóricos que orientam a análise dos dois episódios em confronto são a Psicanálise, a Filosofia, a Linguística e a Educação, e serão articulados conceitos como Real, Trabalho, Silêncio, Enunciação e Ensino.

16h30min – Mesa 9: Figuras da sublimação no século XXI

“E se esta tempestade se acalmar um pouco, apressa-te a escrever-nos; as tuas cartas serão, para nós, motivo de grande alegria. Mas, seja qual for a razão da tua escrita, esta será sempre doce, nem que seja porque demonstra que não nos haveis esquecido.” (ABELARDO; HELOÍSA, 2003, p. 147)

“AJUNTANDO AS PEDRAS”: O OFÍCIO DO PESQUISA-DOR

MARIANA APARECIDA DE OLIVEIRA RIBEIRO

Nesta apresentação, trataremos das diferenças entre a criação na sociedade edípica e na sociedade contemporânea. Mais precisamente pretendemos investigar a relação existente entre a pergunta de pesquisa elaborada por um pesquisador, que serve como guia para a pesquisa a ser realizada, e a “pergunta de vida” desse mesmo sujeito, a questão que o

move e à qual ele sempre retorna. Partimos do pressuposto de que há entre essas duas perguntas uma relação que é passível de ser apreendida pela análise da escrita das diversas versões da pesquisa redigidas por um mesmo informante. Tendo em vista tal fato, sustentamos que conseguir inscrever-se em uma investigação científica é uma forma de criação. É um encaminhamento dado pelo sujeito às suas pulsões e trata-se, portanto, de uma manifestação do “sinthoma” (LACAN, 1975-1976), manifestação que é impressa de modo diverso em cada uma das sociedades. Enquanto, na sociedade edípica, Abelardo para produzir algo novo teve de enfrentar a rigidez da sociedade da qual fazia parte e sofrer perseguições; na sociedade atual essa criação só é possível quando o sujeito empenha a si próprio na produção de um bem cultural. Trata-se do momento em que o pesquisador decide investigar a dor da sua própria existência. Para realizar esta investigação, tomaremos como *corpus* cinco versões da introdução da tese de uma mesma informante, denominada Cristina, produzidas de 2007 a 2009.

ESCRITA *SINTHOMÁTICA* E ESCOLARIZAÇÃO: UM CASAMENTO POSSÍVEL?

MICAL DE MELO MARCELINO

Neste trabalho, tomamos como objeto o ensino da escrita nas escolas de Educação Básica. Partimos do pressuposto de que a escola pode vir a ser o lugar da escrita criativa, constituindo-se como um espaço onde os alunos possam experienciar a linguagem como possibilidade de expressar as suas singularidades, sendo necessário, para isso, que aquele que ensina a escrever seja capaz de se ater a uma ética que permita a esse sujeito se responsabilizar por aquilo que provém de si. Alinham-se a esse ponto de partida o conceito de texto como lugar da interação e o conceito de “sinthoma”, tal qual cunhado por Lacan ao observar uma organização subjetiva não mais pautada pelo matriz edípica. Nessa perspectiva, em que a lei do Pai não é mais a fundante, importa-nos as manifestações escritas em si e não as razões que as motivaram, como diz Heloísa em carta a Abelardo (protagonistas da obra literária que nos serve de metáfora neste evento). Neste trabalho, defendemos que pode haver um nível de intervenção docente que excede ao trabalho linguístico, do qual o professor pode servir-se no sentido de possibilitar a emergência de uma *escrita sinthomática* no espaço escolar. Assim, a partir da observação de duas professoras com suas turmas, nas aulas dedicadas ao ensino de Língua Portuguesa, e das versões escritas pelos alunos, procura-se verificar os efeitos da

intervenção docente a partir de eventuais indícios de *escrita sinthomática* visando à sua ascensão.

IDIOGLOSSIAS PARTILHADAS: DA SUBLIMAÇÃO DE ÉDIPO AO SINTHOMA DE JOYCE

CLAUDIA RIOLFI

O trabalho investigativo foi motivado pelo crescente surgimento de alunos, em qualquer nível de ensino, cuja produção testemunha sua dificuldade para fazer as ações necessárias para levar seu projeto de escrita a um bom termo e, por conseguinte, acabam se privando da possibilidade da partilha de suas elaborações por meio da escrita. Ele foi norteador por uma questão referente à interpretação a ser dada à posição desses alunos: todas as vezes que, na avaliação de quem o ensina, o aluno se mostra pouco disposto a investir na superação de suas fragilidades para vir a escrever bem; sua condição poderia ser descrita nos termos que, nos primórdios da Psicanálise, foi nomeado como “dificuldade para sublimar”? Após recuperar, na Psicanálise Freudiana, os elementos que nos permitem concluir que, para Freud, a ocorrência da sublimação estava ligada à organização social que favorecia a repressão; a reflexão buscou, nas últimas elaborações de Lacan, elementos que nos permitiam pensar que, mesmo quando os prerrequisitos da sublimação freudiana não são cumpridos e, conseqüentemente, quem escreve produz uma peça na qual a intenção comunicativa, de se fazer compreender pelo outro, é opacificada pela intenção de gozar, de se locupletar com um prazer que, tendo sua fonte nas palavras, incide gozozamente no corpo do sujeito, é possível haver partilha no nível das ideias. Neste momento, ganha destaque a necessidade de que o professor, interlocutor privilegiado a quem o aluno se dirige, diferentemente de Pedro Abelardo, possa legitimar a criação do aluno e ajudá-lo a encontrar os meios de, sem abrir mão de sua idioglossia, passar sua elaboração no mundo; se não na forma sublimada, no depósito dos traços do que pode vir a ser seu *sinthoma* singular.